

Os atentados ao
“bom gosto”:
regras da
“arte de viver
legítima”
na capital paulista

CAROLINA PULICI

*“Les plus inattaquables
des critères sont les plus
indéfinissables”*

(Pierre Bourdieu)¹.

1 “Os mais inatacáveis dos critérios são os mais indefiníveis” – tradução minha.

“N

ão se pode confundir o *gosto* com a *gastronomia*. Se o gosto é esse *dom natural* de reconhecer e amar a perfeição, a gastronomia, ao contrário, é o conjunto das *regras* que presidem a cultura e a *educação* do gosto. A gastronomia é para o gosto o que a *gramática* e a literatura são para o *senso literário* [...]. O *gourmet* é seu próprio gastrônomo, assim como o homem de gosto é seu próprio gramático [...]. Mas, como nem todo mundo é *gourmet*, é necessário haver gastrônomos [...]. Deve-se pensar dos gastrônomos o que pensamos dos pedagogos em geral: que são às vezes insuportáveis pedantes, mas que têm sua utilidade. Eles pertencem ao *gênero inferior e modesto* e deles depende melhorar esse gênero *um pouco subalterno* com tato, medida e elegante leveza [...]. Existe um mau gosto [...] e os *refinados* o sentem por instinto. Para os que não o sentem, é preciso uma regra” (Pressac apud Bourdieu, 1979, p. 73 – tradução e grifos meus).

CAROLINA PULICI
é doutoranda em Sociologia pela FFLCH-USP e autora de *Entre Sociólogos* (Edusp/Fapesp).

Foi a partir desta (e de outras proposições análogas) que Pierre Bourdieu construiu umas das mais vigorosas críticas da ideologia do gosto inato que, como estratégia distintiva que se engendra na luta de classes mais cotidiana, converte sistematicamente diferenças no modo de aquisição da cultura em diferenças de ordem natural. O prazer soberano do esteta, diz Bourdieu, pretende-se livre de quaisquer regras ou aprendizagens escolares, reconhecendo na familiarização precoce com os bens de cultura a única via legítima de conformação de um *habitus* cultivado.

Hierarquizando, impiedosamente, dois modos de relacionamento com os bens simbólicos – a saber, o conhecimento tardio, o mais das vezes adquirido à custa de muito estudo, e a experiência direta, fruto de um aprendizado no seio da família –, essa ideologia da *espontaneidade das maneiras* confere, também nos mercados mundanos, um rendimento simbólico fatalmente superior aos que desde sempre integraram os círculos eruditos e requintados, obstruindo o caminho dos retardatários em matéria de “cultivo de si”, de antemão despojados de todos os atributos de excelência social.

Na esteira de Max Weber, que já havia notado que a “estilização da existência” era princípio altamente distintivo de classificação social, e convencido de que “a intolerância estética gera violências terríveis” (Bourdieu, 1979, p. 60), o sociólogo francês houve por bem tomar essas e outras questões *só aparentemente apolíticas* como objeto de análise privilegiado em uma de suas obras mais exaustivas e, também, mais contestadas no mundo todo. Como qualquer outro princípio de hierarquização social, o chamado “bom gosto” é produto das relações de força que atravessam a sociedade e, assim, um objeto de estudo a ser dignificado nas investigações sociológicas.

Em *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Bourdieu considera que o juízo de gosto é um indicador muitas vezes negligenciado pelos especialistas em estratificação social, sendo por isso mesmo o terreno por excelência da negação do social. No seu modo de ver, as definições dominantes do que

vêm a ser “bom gosto” e consumo cultural “legítimo” teriam tomado tais disposições por princípio de aplicação universal, consagrando os “dons” supostamente “naturais” daqueles que estão liberados das urgências materiais, que são mais escolarizados e que vieram dos meios mais cultivados. Na contramão desse processo de naturalização de condições sociais bastante específicas, várias de suas obras coletivas (Bourdieu, Boltanski, Charboredon & Castel, 1965; Bourdieu & Saint Martin, 1976; e Bourdieu & Darbel, 2003) procuraram investigar as condições nas quais são produzidos os consumidores de bens culturais e seus gostos, mostrando como as diferentes “maneiras”, pelas condições econômicas e culturais que supõem, estão estreitamente ligadas aos sistemas de disposições característicos das diferentes classes e frações de classe:

“O gosto classifica e classifica aquele que classifica: os sujeitos sociais se distinguem pelas distinções que eles operam, entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar, e onde se exprime ou se traduz sua posição nas classificações objetivas. E em função disso, a análise estatística mostra, por exemplo, que as oposições de mesma estrutura que aquelas que podem ser observadas em matéria de consumo cultural se encontram também em matéria de consumo alimentar: a antítese entre a quantidade e a qualidade, a comilança e os pratos leves, a substância e a forma ou as formas, recobre a oposição, ligada às diferentes distâncias em relação à necessidade, entre o gosto de necessidade, que se volta às comidas ao mesmo tempo mais calóricas e mais econômicas, e o gosto de liberdade – ou de luxo – que, em oposição ao desimpedido comer popular, conduz a deslocar a ênfase da matéria na direção da maneira (de apresentar, servir, comer, etc.), por um partido de estilização que exige que a forma ou as formas operem uma denegação da função” (Bourdieu, 1979, p. VI).

A exemplo dos manuais de *savoir-vivre* europeus, nos quais predomina a desvalorização de todo e qualquer processo de aprendizado formal, de tudo o que não é sim-

plesmente sentido “por instinto” (Bourdieu, 1979, p. 73), as visões que se desprendem dos manuais de etiqueta e crônicas da vida mundana publicados em São Paulo também são exemplos notáveis de como, em matéria de refinamento cultural, a busca de uma elegância “espontânea”, não estudada, é o grande alvo. Tendo analisado os cursos de etiqueta na cidade de São Paulo dos anos 1990 e diversas revistas, livros e *sites* difusores do “refinamento”, Daniela Pereira observou que, no caso dos livros, “as orientações seguem no sentido de facilitar a absorção das regras, mas, geralmente, destacam que, ainda que não necessitem de grande preocupação, *somente serão encarados como ‘elegantes’ comportamentos que pareçam habituais*” (Pereira, 2006, p. 65 – grifos meus). Não por acaso, no mundo dos profissionais propagadores das “boas maneiras”, Pereira observou uma clara hierarquia nos modos de aquisição da cultura através do embate simbólico entre os que adquiriram tal comportamento no seio da família e os que o aprenderam tardiamente, de um modo formal: “Os professores que herdaram esse tipo de conhecimento fazem isso transparecer nas aulas agindo como detentores legítimos das ‘boas maneiras’, em detrimento dos que as aprenderam posteriormente, fora do âmbito doméstico” (Pereira, 2006, p. 113).

O pressuposto de que a única relação autêntica com a cultura é, justamente, a que faz desaparecer todos os traços de sua gênese – isto é, tudo o que houve de estudado e treinado – orienta também o testemunho da autora de um célebre manual de etiqueta brasileiro: “Nunca me esqueço da história daquela mãe que perguntou a uma especialista em boas maneiras com que idade deveria matricular seu filho no curso. Ao saber que o futuro aluno estava com três meses de idade, ela respondeu: ‘Talvez já seja tarde’” (Leão, 2007, p. 205). Autora de um “guia da vida mundana” muito vendido no Brasil, Danuza Leão sublinha a importância de se ignorar certas convenções, advertindo, contudo, que a negação de tais formalidades é privativa de poucos, já que “só as pessoas *naturalmente educadas* conseguem fazê-lo com propriedade” (Leão, 2007, p. 10 – grifos

meus). A bem da verdade, ironiza Leão, o sôfrego apego aos códigos é uma insígnia dos que só recentemente alcançaram os símbolos exteriores da estima social².

Outro indício de que a segurança social há muito conquistada é o que permite tomar distância das fronteiras da legitimidade cultural aparece na crônica culinária de Nina Horta, *chef* de cozinha, proprietária do *buffet* Ginger e crítica gastronômica da *Folha de S. Paulo*. Sobre o gosto de seus clientes, avalia que, enquanto “o grupo que dita as regras transgride sem parar, porque afinal, quem faz as regras é ele”, o freguês que teme despencar das altas-rodas é geralmente “um cliente que fica preso a todas as normas que imagina serem as do nascimento em berço de ouro” (Horta, 2006).

Organizado pelo professor titular de História da Unicamp Jaime Pinsky, *Cultura & Elegância: o que se Deve Fazer e o que É Preciso Conhecer para Ser uma Pessoa Culta e Elegante* sugere que aquilo que se toma por “elegância” é algo da ordem do indefinível, já que faria parte de uma suposta “delicadeza natural” do ser humano:

“É possível aprender a ser elegante? E se for, como adquirir uma *elegância espontânea*? [...] Aqui entramos em contato com algo muito buscado, *mas realmente difícil de ser ensinado*: elegância como modo de viver, uma maneira de estar presente no mundo com *estilo próprio* [...]. *Não dá para ensinar essa delicadeza natural* aliada ao charme de um *estilo próprio*, mas todo mundo pode tentar desenvolver em si a elegância: basta cultivar a sensibilidade e ampliar os próprios horizontes [...]. Ora, se é verdade que *elegância não se ensina*, podemos certamente buscar inspiração no que essas pessoas tem a nos dizer. Cada um dos autores do livro, a seu modo, enriquecerá nossa maneira de viver e ajudará nessa importante busca individual de ser elegante. Cada capítulo de *Cultura & Elegância* é um convite sedutor para penetrarmos em *um mundo pessoal e intransferível*” (Mendes Caldeira, 2005, pp. 11-3 – grifos meus).

Em que pese o fato de haver aí um dos pontos de honra das convenções mundanas,

2 Lançado em 1992, *Na Sala com Danuza* ficou em primeiro lugar na lista dos livros mais vendidos durante um ano. Em 2005 – isto é, antes do lançamento da edição de bolso pela Companhia das Letras –, já tinha vendido mais de 200 mil exemplares (cf. Góes, 2005).

3 Contrários àqueles que esperam tão somente que um quadro reproduza uma parte da realidade, sociólogos da arte sentenciam que, a rigor, a apropriação legítima das obras de arte é a que desvende os procedimentos técnico-formais de domínio exclusivo do artista, a que acentua, portanto, a qualidade pictórica e as características visuais (e, portanto, não-intelectuais) da pintura: “O que nós buscamos, em suma, reconstituir, é a conduta de um artista que não tem nada a ver com a simples transferência, numa tela, de uma realidade fixada e aceita por ele tal qual, em sua integralidade” (Francastel, 1970, p. 19 – tradução minha).

4 Tais dados sobre o consumo socialmente seletivo de roupas em São Paulo não me permitem concordar com os argumentos sem meio-tom da pesquisadora da moda Diane Crane. Em entrevista à *Folha*, a socióloga norte-americana fez coro com os defensores de hábitos de consumo transclassistas e com os propagadores da escatologia pós-moderna, para os quais a realidade tornou-se de tal forma complexa que exigiria o abandono dos instrumentos clássicos de análise sociológica. Certa de que “o mundo de hoje se transforma com enorme velocidade” e que, assim, “precisaríamos de novas teorias para compreender e explicar a moda hoje”, Krane alardeia que o fato de os ricos ainda terem maior poder aquisitivo “não significa que os mais pobres não estejam inseridos no circuito da moda”. O problema é que não se precisam, aqui, as adesões socialmente seletivas ao mundo da indumentária. Não basta dizer que ricos e pobres fletam com a moda: ater-se apenas à participação indiscriminada num universo de consumo e não a o que e, sobretudo, como se consome não me parece suficiente para atribuir ao estudo de Bourdieu sobre o tema o estatuto de velharia que teria previsto “mudanças sociais mais lentas”. A moda, como os demais

qual seja, o imperativo da *não premeditada originalidade pessoal* (atitude própria/espontânea e comportamento pessoal/intransferível), esse recente manual de *savoir-vivre* brasileiro admite que ser elegante não é apenas vestir-se bem e cuidar da aparência, mas, também, cultivar-se, familiarizar-se com o repertório cultural universal, o que abre ao menos a possibilidade de um aprendizado formal e tardio da cultura. O mesmo não se observa em meio aos julgamentos emitidos por alguns críticos e estilistas de moda que, bem ao contrário, não parecem conceder espaço algum aos pressupostos socioculturais da chamada elegância, uma vez que esta parece ser, antes de tudo, um dom de nascimento. Ressalta, na fala desse segmento de profissionais da moda, uma evidente depreciação do que pode ser adquirido pelo estudo e, no extremo oposto, a valorização de uma familiaridade com pessoas requintadas e de uma espécie de “radar mundano”. Quando indagada sobre a ideia de que a elegância requer certo “cultivo de si”, a crítica de moda da *Folha de S. Paulo*, Érika Palomino, não hesitou em avaliar que “não sei se têm a ver cultura e elegância. Tem gente que nunca foi à escola e é elegante”. Extrapolando todos os limites da caricatura, Rita Comparato, estilista da grife Néon, admitiu na mesma ocasião que “há quem tenha elegância no DNA. Só cultura não basta, mas observar os elegantes pode ajudar” (Quintanilha, 2006).

Em alguns escritos de história da arte não se encontra algo muito diferente, uma vez que aí também a disposição estética legítima é essencialmente intuitiva e, portanto, incognoscível, privativa daqueles que podem não conhecer, mas, tão somente, “sentir”:

“[...] tudo o que numa pintura apela para o intelecto – os sinais, as histórias, as personagens, o espaço, a luz e os acontecimentos temporais que aí estão representados – é transposto para uma realidade pictórica que o espectador apreende intuitivamente, só pelo fato de o olhar. O raciocínio perde terreno em relação ao olhar. Por causa disso, é uma arte que põe em questão as certezas fundamentais do conhecimento” (Bockemühl, 2005, p. 11 – grifos meus)³.

A recusa do ensino racional da arte – e, assim, de todos os que não vivenciaram uma experiência direta com as obras artísticas – também é presente no discurso do maestro Júlio Medaglia que, depois de afirmar que a música clássica “faz parte do nosso repertório auditivo comum, de nosso convívio, assim como outras criações de diferentes áreas artísticas”, argumenta que “ninguém precisa frequentar um curso de arquitetura ou de escultura, por exemplo, para achar o Vaticano uma maravilha ou se emocionar diante da *Pietà*, de Michelangelo” (Medaglia, 2005, p. 51). Ora, se “o amor pela arte” ao qual ele se refere fosse de fato um prazer sensorial que, como o gosto por chocolate, dispensa todo treino formal e a mobilização de um patrimônio cognitivo, as estatísticas culturais recentemente divulgadas no Brasil certamente não mostrariam uma apropriação tão desigual dos bens culturais segundo os grupos sociais e seus respectivos níveis de escolaridade (Botelho & Fiori, 2005; Silva, Araújo & Souza, 2007).

O “saber-escolher” como dádiva dos céus é ostensivamente afirmado em informe publicitário sobre a rua “que concentra as grifes mais famosas do mundo”, qual seja, a Oscar Freire, na cidade de São Paulo. Segundo a associação dos lojistas locais, a rua dos Jardins atende principalmente o público das classes A e B, *por ser o único “que reconhece a tradição das marcas e procura qualidade”* (2006, p. 6 – grifos meus). Ora, dizer que apenas as classes A e B interessam-se pela qualidade dos produtos não faz apenas negar a gênese social das preferências, mas – o que é ainda mais perverso – culpabiliza os portadores do chamado “mau gosto”, fazendo com que deficiências de ordem social se passem por falhas de critério pessoal⁴.

Referindo-se ao comentário que Roger Bastide fez de *Salões e Damas do Segundo Império*, Gilda de Mello e Souza já advertia, nos anos 1970, que “os salões mundanos, sob a aparência de futilidade, podem ser um excelente instrumento para conhecer o estilo de vida de uma época, a transformação das maneiras, o advento dos gêneros artísticos, etc.” (Souza, 1979, p. 18). Tendo em vista

os propósitos específicos deste artigo eu acrescentaria: as crônicas da vida mundana são instrumentos indispensáveis à análise das visões essencialistas do mundo, que só fazem universalizar experiências bastante singulares, como bem o demonstra o texto “Uma Vida com Tudo Lindo: Lenda Viva da Alta Moda Conta Histórias de Glamour e Elegância”, de autoria da *socialite* carioca Carmen Mayrink Veiga. Tendo se casado no civil com um Dior, se tornado amiga de Hubert de Givenchy (“tudo o que aprendi sobre moda foi com o Hubert”) e frequentando assiduamente desfiles de alta-costura em Paris, onde tinha um apartamento, Mayrink Veiga avalia que “essa vida com tudo lindo só era possível *caso você fosse casada e seu marido gostasse da mulher sempre impecável*” (Mayrink Veiga, 2005, p. 42 – grifos meus). Ora, dizer que a elegância de uma mulher depende apenas de seu estatuto de casada e da boa vontade do marido em vê-la arrumada é afirmar que todos os outros maridos de estrato social inferior pouco se importam com o eventual desleixo de suas companheiras, transformando, novamente, trunfos de ordem social em debilidades de cunho pessoal. Vê-se bem que Monique de Saint-Martin tinha razão em dizer que não é nos cerimoniais da vida em sociedade (festas, casamentos, visitas, ralis, etc.) que se pode esperar encontrar princípios mais meritocráticos de classificação social e, com eles, o enfraquecimento da interiorização de “diferenças naturais” (Saint-Martin, 1993, p. 293).

Com efeito, os ritos da vida mundana encenam exemplarmente as visões naturalizantes do mundo, porque as lutas entre as diferentes “maneiras” em jogo independem, em boa medida, dos trunfos que podem ser adquiridos através da escola. Se, como mostram as pesquisas quantitativas do Cebrap e do Ipea (Botelho & Fiori, 2005; Silva, Araújo & Souza, 2007), o cultivo das atividades culturais tradicionais (teatro, cinema, concerto, museu, leitura) é amplamente influenciado pelos anos de aprendizado escolar, o apuro gastronômico ou o esmero indumentário escapam ao campo de intervenção da escola, revelando

as disposições mais precoces e mais autônomas em relação a uma ação pedagógica institucionalizada.

A depreciação mundana do “escolar” e toda a ideia de que o “saber-escolher” é um dom da natureza tomam as disposições associadas ao chamado “bom gosto” por um princípio de aplicação universal, como se só existisse uma relação possível com os bens de cultura, a saber, a relação burguesa, feita de requinte e desprendimento, na mesma medida alheia às dificuldades que aprisionam os “reles mortais”. Isso se vê bem nas revistas de arquitetura de interiores, que pressupõem o acesso irrestrito a todos os bens e impõem uma visão naturalista das necessidades de consumo (Bolstanski, 1970). Malgrado o tom “democrático” que se tenta infundir pelo uso de terminologias genéricas (“o acordar”, “os homens”), não há dúvidas quanto à dispersão social dos bens culturais em questão.

bens de cultura outrora restritos a poucos, pode, sim, atingir a todos nos dias que correm. Mas, como mostra o informe sobre a clientela da Oscar Freire, não chega a todos da mesma maneira. Cf. D’Almeida, 2006.

homens de bom gosto

Além de conforto e praticidade, os homens descobriram que, em decoração, beleza também é fundamental. Veja três exemplos.

por ELAINE HALLINE

Foi-se o tempo em que casa de homem sozinha era um misto de acampamento e brechó, com colchão no chão, móveis trazidos das casas dos pais, uma tevê para assistir ao futebol e uma geladeira vazia. Fogão pra que, se o máximo que eles (os homens) se atreviam a fazer na cozinha era um sanduíche frio?

Hoje em dia, as coisas são bem diferentes. Depois da emancipação feminina, chegou a vez de os homens mudarem e se transmutarem em verdadeiros “donos de casa...” E que casas! Projetadas por arquitetos e designers,

as residências masculinas ainda priorizam o conforto e a praticidade, porém, sempre aliados à beleza das formas e à qualidade dos materiais.

Por isso, nos três apartamentos que se vê a seguir, há diversos móveis com design assinado, armários planejados para manter tudo em ordem, objetos decorativos de presença, antiguidades, obras de arte, tecidos diferentes, detalhes interessantes, iluminações caprichadas e, como não poderia deixar de ser, belas cozinhas para receber os amigos ao sabor de uma refeição preparada com capricho.

Fonte: revista Flashcasa, número 13, 2007



Bom dia, vida!

Um café-da-manhã rico em alimentos saudáveis e de grande beleza visual torna o acordar mais alegre e nos enche de energia para as tarefas do dia-a-dia. Aqui, duas boas idéias para inspirar você!

5 Mesmo num país como a França, lembra Anne-Catherine Wagner; onde o número de viagens ao estrangeiro é cada vez maior, os itinerários turísticos permanecem extremamente seletivos socialmente (Wagner, 2007, p. 86).

6 O enaltecimento dos circuitos frequentados por poucos – e que não violam, assim, o princípio da homogeneidade social – é encenado também no material de imprensa. Em matéria dedicada à exposição de “um certo script para aproveitar o melhor que o mar tem a oferecer”, a *Revista da Folha* lança os critérios que devem presidir a escolha de uma praia: “é fundamental que ela seja limpa, de preferência longe da muvuca” (Brissac, 2007 – grifos meus).

A universalização de formas bastante particulares de experimentação do mundo dá-se a ver também nas “prescrições” emitidas pelo já comentado *Cultura & Elegância*, que se esmera em receitar quais as obras literárias “essenciais”, os livros “que não podem faltar” na estante dos que almejam adquirir “uma cultura minimamente razoável” e um “roteiro básico” para se conhecer o mundo do jazz. Apesar de seus autores mapearem “os melhores roteiros do chamado circuito Elisabeth Arden: Nova York, Paris, Londres e Roma” já que, segundo advertem, “para alguém tornar-se culto e elegante, é desejável que seja também uma pessoa cosmopolita e viajada” (Mendes Caldeira, 2005, p. 13), sabe-se que 63,9% das classes D/E, 44% da classe C e 22,6% das classes A/B da cidade de São Paulo sequer foram à praia entre abril de 2004 e abril de 2005 (Botelho & Fiori, 2005, p. 101)⁵.

O mesmo se diga de um outro manual de *savoir-vivre*, que, longe de afirmar apenas a importância das viagens (“Existe um tipo de cultura que só se adquire viajando”), ordena ainda que se viaje fora do período de alta temporada, o que exige simultaneamente a liberação das urgências materiais e da submissão ao calendário regular de trabalho. Supremo exemplo de algo escrito por e para

os grupos privilegiados – sabidamente menos sujeitos aos ritmos coletivos –, o guia de “boas maneiras” que se pretende “alternativo”, à mão de todos, sentencia: “[...] viaje fora de estação, procure, sobretudo, lugares que não estejam na moda. A Índia, por exemplo, só no ano 2015. Miami, nunca. Não se misture com hordas de turistas, ninguém pode apreciar uma obra de arte cercado por trezentas pessoas” (Leão, 2007, p. 127). A sempre imprescindível busca de originalidade pessoal é também presente em *Cultura & Elegância*, que indica “pequenos e preciosos lugares, todos fora dos grandes circuitos turísticos mundiais” (Caldeira, 2005, p. 13)⁶.

Eis algumas evidências de como as várias “dicas” do “bem viver”, supostamente dirigidas a todos, são, em verdade, a realidade de poucos e o sonho que se tenta infundir a muitos, por mais “didáticos” e indistintamente voltados a todos que manuais como esses possam parecer (“Aproveite para começar a montar sua discoteca básica”). Expressão distintiva de uma posição socialmente privilegiada, essa “estilização da existência” de que falava Weber é, inequivocamente, uma reivindicação de superioridade em relação aos que permanecem dominados pelas urgências ordinárias.

Afora a distância com relação às necessidades, a “certeza de si” é outra marca dos “verdadeiramente elegantes”, dos que estão inteiramente convencidos de sua legitimidade social e, assim, dispensam as infusões contínuas de admiração de que dependem os inseguros socialmente: “Atenção: uma pessoa realmente elegante nunca se irrita se a mesa que lhe deram no restaurante não é a mais bem situada [...]. Também não exige tratamento especial do *maître*. E trata tão bem os garçons quanto o gerente do banco” (Leão, 2007, p. 111). Assim, os menos autoconfiantes são, a um só tempo, os mais obcecados pela busca de *status*. “Nada revela mais a insegurança social de uma pessoa do que ouvi-la dizer que ‘estava na primeira classe’” (Leão, 2007, p. 127).

Para além de um conformismo extremo, que desacredita de antemão toda e qualquer outra maneira de conceber e experimentar

a vida, o que mais impressiona nesse tão difundido manual de etiqueta é um senso de realidade tão excessivo que beira o oportunismo mais elementar. Louva-se ou reprova-se uma mesma atitude tendo por critério exclusivo a posição social dos envolvidos:

“Só pode achar e dizer o que pensa quem é rico ou poderoso; se não for o seu caso, é bom manter a boca fechada e dar sempre razão aos ricos e poderosos [...] todas as infidelidades são permitidas, desde que com pessoas que pertençam ao mesmo grupo. Um homem pode ter um caso com a mulher de alguém da mesma roda (e vice-versa); mas ai de quem resolver namorar alguém de outro grupo social, sobretudo se esse grupo for de um patamar mais baixo, digamos assim: esses nunca serão perdoados” (Leão, 2007, p. 27)⁷.

Por vezes o imperativo de sinalização da posição social é tão flagrante que dispensaria o comentário do sociólogo. Emblemática nesse sentido é a matéria veiculada pela revista ideal típica do gosto burguês *Veja São Paulo* intitulada “Suave É a Vida nos Jardins”, na qual a proprietária da Galeria São Paulo declara: “Quem anda por aqui tem o perfil do poder: é rico, elegante, culto, belo e sofisticado”. Sob o pretexto de revelar os sinais de “intimidade com os usos e costumes nativos”, as advertências são abundantes:

“Para um conhecedor do código Jardins, é uma heresia consultar cardápios em certos restaurantes. O In Città, por exemplo, é um lugar para se ordenar um prato de nhoque. No David’s, um almoço não começa adequadamente sem a mortadela com limão no aperitivo. No L’Arnaque, é tempo de pato com manga. Para beber, em qualquer lugar dos Jardins, estará dentro das regras quem pedir vinho branco servido em copos, mesmo que seja nacional. Outro cuidado indispensável é ter sempre um sorriso pronto – em nenhuma outra parte de São Paulo há tal profusão de fisionomias risonhas. ‘Os Jardins são uma festa’, diz a atriz Bruna Lombardi, que nasceu no Rio de Janeiro

mas passou boa parte de sua vida na Alameda Jaú. ‘É um lugar de pessoas alegres, inteligentes, que têm estilo e tentam fazer da vida uma arte’” (Nunes, 2005).

Muito embora o artigo se esmere em difundir “o código de comportamento em vigor no mais requintado paraíso do bem viver de São Paulo” – e até arrisque dizer que “as fronteiras desse universo singular estão permanentemente abertas a brasileiros de outros bairros e outras cidades” –, o senso de realidade não tarda a se mostrar implacável já que, no final das contas, “fazer parte da população fixa é notavelmente mais complicado e difícil” porque, como sugere outra moradora, ‘é preciso ao menos conhecer as pessoas’ – porque os antigos frequentadores efetivamente se conhecem” (Nunes, 2005)⁸.

Outra atitude glorificada no espaço dos discursos mundanos é o controle das satisfações corporais. Ecoando as análises de Pinçon e Pinçon-Charlot (2000, p. 91), segundo os quais “um dominante deve adotar, em todas as circunstâncias, a atitude apropriada que permite esse domínio do corpo”, o manual preceitua:

“Pessoas são convidadas não para ser alimentadas, mas para contribuírem de alguma maneira para o sucesso da reunião. Com seu charme, sua beleza, sua inteligência, sua capacidade de ser divertidas. Faça sua parte com brilho [...]. Menos costuma ser mais em festas e jantares. Comer de menos. Beber de menos. Falar de menos. Se exibir de menos. Permanecer menos” (Leão, 2007, pp. 33-4).

A defesa de uma contenção permanente também aparece no manual de etiqueta contemporânea escrito por Glória Kalil, para quem o controle dos impulsos é o que distingue os “seres civilizados” das “feras selvagens”:

“Estou voltando de férias passadas num *resort*, tipo paraíso tropical, num dos estados do Nordeste. Aquele sonho: praia deserta, coqueirais, mar quentinho e nada, mas nada

7 Mesmo que de forma menos peremptória, Glória Kalil também localiza na hierarquia social o princípio orientador das práticas concernentes à “etiqueta do beijo”: “É sempre o superior hierárquico quem dá o sinal: se vocês forem apresentados para o Presidente da República, por exemplo, é ele quem vai sinalizar se beija ou não, entenderam?” (Kalil, 2007, p. 111).

8 É interessante notar como o conservadorismo político coincide com uma liberalidade moral nesse bairro em que “se namora muito”. Nas palavras de uma de suas moradoras: “Como boa elite que se preza, o pessoal aqui não é moralista”.

mesmo de preocupações, a não ser passar protetor solar, não esquecer de levar o livro para a praia e não perder o horário das refeições, todas ótimas. *Pois foi numa dessas férias que arrepiei com o que vi: pessoas avançando no bufê e voltando para a mesa com pratos gigantescos como se estivessem saboreando a última refeição de suas vidas. Era feio de olhar: verdadeiros esganados colocando pirâmides de comida na frente e atacando os alimentos com uma ansiedade de dar inveja a uma onça magra perdida no deserto. Um show de voracidade que se repetia a cada refeição.*

O fato de ter diante de si muitas opções – sem ter de pagar por prato pedido ou pelo peso do que se consome – não justifica esse destempero grosseiro e excessivo. Controlar os impulsos e apetites é o que distingue seres civilizados de feras selvagens” (Kalil, 2007, p. 150).

A negação do gozo “natural” atesta, portanto, a superioridade dos que se satisfazem com os prazeres sublimados, refinados e gratuitos. Para falar como Elias e Scotson:

“Aí temos, de fato, um traço geral das ‘velhas famílias’: elas se diferenciam das outras por certas características comportamentais distintivas, inculcadas desde a infância em cada um de seus membros, de acordo com a tradição distintiva do grupo. Os círculos das famílias antigas costumam ter um código de conduta que exige, em situações específicas ou na totalidade delas, *um grau de autocontrole maior que o habitual entre grupos interdependentes de status inferior*. Eles podem ou não ser ‘civilizados’, no sentido europeu contemporâneo da palavra, mas, comparados àqueles em relação aos quais reivindicam com sucesso uma superioridade de status, em geral são mais ‘civilizados’, no sentido factual da palavra: sob alguns ou todos os aspectos, *seu código exige um nível mais elevado de autodomínio; em situações específicas ou em todas, prescreve um comportamento mais firmemente regulado, associado a uma previdência maior, maior autodomínio e costumes mais*

refinados, e provido de tabus mais elaborados [...]. Os princípios relativamente mais rigorosos são apenas uma das formas de autocontrole socialmente induzido, dentre muitas outras. As boas maneiras são outra. Todos eles aumentam as chances de que um grupo superior se afirme e mantenha seu poder e superioridade [...]. Num ambiente relativamente estável, *o código de conduta mais sofisticado e o maior grau de autocontrole costumam associar-se a um grau mais elevado de disciplina, circunspeção, previdência e coesão grupal*. Isso oferece recompensas sob a forma de status e poder, para contrabalançar a frustração das limitações impostas e da relativa perda de espontaneidade. Os tabus compartilhados e o *comedimento* característico reforçam os laços que unem a rede de ‘melhores famílias’. A adesão ao código comum funciona, para seus membros, como uma insígnia social. Reforça o sentimento de inserção grupal conjunta em relação aos ‘inferiores’, *que tendem a exibir menos controle nas situações em que os ‘superiores’ o exigem*. As pessoas ‘inferiores’ tendem a romper tabus que as ‘superiores’ são treinadas a respeitar desde a infância. *O desrespeito a esses tabus, portanto, é um sinal de inferioridade social”* (Elias & Scotson, 2000, pp.170-1 – grifos meus).

Nessa linha de juízo, a associação entre o glutão e o emergente social é patente:

“Durante o voo, coma pouco. Beba pouco [...]. Não se comporte tipo ‘quero tudo a que tenho direito’. Não se precipite no champagne, no caviar. Melhor viajar de executiva e, com a diferença do preço da passagem, comprar um quilo de caviar para comer no hotel do que dar esses vexames a bordo” (Leão, 2007, p. 129)⁹.

E o “quanto” comer não é o único alvo dos difusores do *savoir-vivre*, que alardeiam ainda o “como” se deve alimentar, um e outro mecanismos de controle dos impulsos do corpo. Isso se vê bem no testemunho de Rogério Fasano, dono de uma das redes de restaurante mais requintadas do país, que

9 Vale notar como o “autocontrole” figura como competência de classe nas representações da imprensa diária, e no que tange às práticas as mais diversas. Em matéria sobre o caráter atípico da torcida do Brasil na Copa do Mundo de 2006, ocorrida na Alemanha, a *Folha de S. Paulo* apurou que a arquibancada brasileira estava “menos barulhenta do que de costume” porque, segundo um consultor: “o Brasil que está na arquibancada é o que pode pagar para vir assistir à Copa aqui. É uma classe média-alta, abastada. Esse povo não está acostumado a torcer. É muito educadinho” (Sampaio, 2006).

deplora o fato de que “o brasileiro tinha aquela coisa do prato único, que não rola na alta gastronomia”, reconhecendo que “já recusei pedido de costeleta à milanesa com espaguete de frutos do mar junto no mesmo prato” (Bergamasco, 2007)¹⁰.

Inserida na mesma dinâmica que está a separar os estabelecidos dos emergentes em matéria de “faro mundano”, a atitude distintiva em relação aos que começaram a viajar de forma tardia é também desbragadamente recomendada:

“Questão malas. Aquelas bem caras, de grife conhecida, são maravilhosas, porque você viaja com tranquilidade: o zíper não quebra, a alça não cai. [...] Um detalhe: *que sejam muito velhas, maltratadas pelo tempo. Malas tinindo de novas são um sinal inequívoco de peruagem e nouveau richisme*. Outra coisa: se sua mala, companheira de tantas aventuras, está às quedas, *nada mais chique do que uma boa recauchutagem. Vai custar quase o preço de uma nova, mas não hesite, é o que deve ser feito*” (Leão, 2007, p. 131 – grifos meus).

Ainda segundo esse que foi um dos manuais de etiqueta mais vendidos no país e, a um só tempo, um inimigo declarado dos novos-ricos, a resposta à pergunta sobre a proveniência de louças e pratarias durante um jantar seria: “‘Eram da minha mãe’. Fica chiquérrimo, dá um toque de nobreza (mesmo que seja mentira)” (Leão, 2007, p. 33).

O sentimento de amor-próprio com a memória dos antepassados e a soberania dos que dispõem dos princípios da elegância como um “bem de família” foram exaustivamente afirmados na matéria de capa da *Revista da Folha* intitulada “Herança Vintage: Elegantes Desde o Berço, Paulistas como Vanda Jacintho, 28, Guardam no Closet Peças que Contam Histórias”, como já o atestam os próprios títulos das reportagens: “Três Gerações de Elegância”, “Figurino da Própria História”, “Um Guarda-roupa que É um Acervo”, “Brechó Chique em Casa” e “As Preciosidades dos Guarda-roupas de Mulheres de Famílias Tradicionais que Desfilam uma Elegância

do Tempo da Vovó” (Neno, 2008). Quatro dos perfis apresentados são suficientes para ilustrar o problema aqui em pauta por demonstrarem, de forma incontestável, o quanto os mercados mundanos outorgam um valor simbólico infinitamente superior aos “requintados de nascença”.

“Vanda Jacintho mora nos Jardins, dorme numa imensa cama de jacarandá que pertenceu ao avô e dispõe de um closet cuja maioria das peças era da avó: nove bolsas *Chanel* (das antigas coleções), sete vestidos do estilista Markito, peças das grifes Hermès, Ferragamo, Puccis, Elle et lui e biquínis da Beach Couture, que ‘também carrega o perfume de outras gerações’ e que, mais comportados, ‘são biquínis para moças finas. Fazem sucesso em lugares como Dubai, Grécia, Irlanda e Sul da França’. Amadora de Ella Fitzgerald e Billie Holliday, ‘Vandinha’, 28 anos, é retratada como alguém que se formou em marketing de moda pela London College of Fashion, mas que, malgrado tal aprendizado formal das artes indumentárias, foi mesmo é com a avó que aprendeu que ‘estilo é como castelos, não se compra, se herda’”.

“Christiana Neves da Rocha acompanhava ‘desde menina’ a avó Lia nas visitas ao ateliê de Guilherme Guimarães, estilista que há mais de 30 anos confecciona os vestidos de noiva da família. É descrita como alguém que tem tanto apreço pelas criações do estilista quanto pelas obras de arte expostas nas paredes de sua casa no Jardim Paulistano, pois, como representante de ‘um tradicional antiquário’ carioca em São Paulo, ela sabe bem que ‘peças sem história são como longos sem dobras: valem pouco’. Exclusividade pessoal, irredutibilidade do amor ao dinheiro (que só o dinheiro proporciona), supremo requinte, em suma, todos os imperativos das ocasiões mundanas estão aí presentes: ‘Não venderia por dinheiro nenhum do mundo a bolsa Ferragamo que herdei de minha mãe [...] além de chiquérrima, nunca vi ninguém com uma igual’. Outra peça que recebe um tratamento ‘nobre’ é o maiô Pucci comprado na lua-de-mel em

¹⁰ O partido da “estilização da existência”, que leva a deslocar a ênfase da “matéria” na direção da “maneira” (de servir, de apresentar e fruir objetos ordinários), aparece de forma exemplar em “Nem Precisa Beber”, reportagem voltada à exposição de bebidas que “fazem parte do repertório de todo bom bebedor”. Depois de apresentar a garrafa de porcelana inglesa do uísque Royal Salute 21, o Rosé Villa Francioni, conservado em rola de cortiça portuguesa e cápsulas de estanho espanholas ou a Vodka Wyborowa Single Estate, cujo frasco foi criado por Frank Gehry, a *Revista da Folha* sugere que bebidas com “uma silhueta esplendorosa, um *blend* único e um perfume indefectível” merecem um destino à altura: sessões de degustação ou um lugar (privilegiado) na estante já que “conteúdo à parte, fazem suspirar” (cf. Piemonte & Xavier, 2007 – grifos meus).

Capri, que Christiana, 51, não usa mais nos passeios de barco – tal como fazia na Europa nos anos 1970 –, mas sim acompanhado de uma saia em almoços sob a pérgula do Copacabana Palace, no Rio”.

“Marina Rivetti, 23, trabalha numa das mais tradicionais casas de leilão do mundo, a Sotheby’s. Tendo tomado gosto pelas obras de arte ‘ao visitar museus do mundo todo, sempre estimulada – e acompanhada – pela mãe’, com quem divide também o interesse pelo acervo da avó, Lulla Gancia, ela sabe ‘que um lenço pode fazer toda a diferença. É só saber usar’. Um legítimo lenço de seda Pucci, ‘displícemente amarrado a uma bolsa Kelly’, da Hermès, da coleção que homenageou a princesa de Mônaco, um longo estampado de Yves Saint Laurent, um vestido Azarro que sua mãe usou pela primeira vez em 1977, numa festa da princesa da Jordânia, tais são algumas das peças que Marina tem hoje à disposição, com muito orgulho: ‘Vintage para mim não é moda, é tradição’”.

“Os armários de Paola de Bourbon de Orleans e Bragança narram mais de 200 anos da história do Brasil’. Tendo crescido pelos corredores ‘do imenso casarão imperial em Petrópolis’ Paola, 24, mantém ‘em seu amplo quarto de dormir’, em Higienópolis, ‘lembranças da família real brasileira’. Estudante de design industrial na Faap, a tataraneta da princesa Isabel ‘via a mãe se vestir de modo diferente das mães das amigas’ e hoje vive ‘cercada por objetos que compõem a herança da monarquia’. Um maiô da avó Esperança, tia de Juan Carlos, da Espanha, com o qual ‘arrancou suspiros’ em Ibiza, um cinto dourado ‘da primeira coleção’ de Valentino, usado no Carnaval do Rio, eis algumas das peças à mão desta ‘herdeira direta’ que, fazendo as vezes de socióloga da reprodução, declara: ‘Olhando para trás, é possível enxergar o futuro’”.

Na verdade, o capital cultural incorporado das gerações anteriores é invariavelmente a tônica quando se trata de pensar o gosto não apenas em seus aspectos mais “mun-

danos”, como também em suas vertentes propriamente estéticas, o que sugere certa convergência entre os requisitos que concedem o “direito de entrada” no universo da sofisticação artística e as exigências de estilização da vida que facultam o acesso ao *grand monde*”¹¹. Não é raro que o “berço de ouro” seja um pressuposto em várias prescrições em matéria de “cultivo de si” que, de modo contraditório, dirigem-se aos que pretendem “correr atrás do atraso”. Atribuindo-se um objetivo pedagógico e “democrático”, tais regras que se dizem voltadas à “formação de pessoas cultas” incorrem, tanto quanto os mais frívolos preceitos vistos acima, na universalização de comportamentos que são, em verdade, gerados em condições de existência bastante privilegiadas. Assim é que Moacyr Scliar, médico, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras naturaliza relações socialmente adquiridas de contato com os livros ao afirmar, primeiramente, que ler “é algo embutido em nosso genoma” e, em seguida, que “*tudo pai ou toda mãe sabe* que há uma maneira irresistível de convencer o filho ou a filha a fazê-lo: contando ou lendo uma história” (Scliar, 2005, p. 19).

Se, como visto, a sagacidade mundana infama aquele que viaja “com malas novas” e incensa os que afirmam a proveniência familiar da prataria, a perspicácia estética censura, da mesma forma, os recém-admitidos no mundo da fruição artística. Pelo menos é isso que se depreende do discurso do maestro Júlio Medaglia que, a propósito do comportamento que se espera da audiência das salas de concerto, emitiu as seguintes “regras” para os que pretendem vivenciar tal experiência “*sem dar vexame de neófitos deslumbrados*”: nunca conversar durante a execução de uma peça; não bater os pés, tamborilar os dedos ou ficar mudando a cabeça para conseguir se concentrar e não desconcentrar os outros; não aplaudir nunca entre os movimentos – “Se não souber quando aplaudir, espere que os outros o façam antes” (Medaglia, 2007, p. 67 – grifos meus). Como não é difícil perceber, a aquisição precoce das maneiras imprescindíveis à apropriação legítima das obras legítimas, inequivocamente valorizada

11 Exemplar; nesse sentido, é o manual de *savoir-vivre* *Cultura & Elegância*, apresentado pela *socialite* quatrocentona Eleonora Mendes Caldeira e composto por textos de Júlio Medaglia, Daniel Piza, Alberto Guzik, Jaime Pinsky, Luciano Ramos, entre outros.

no comentário de Medaglia, é o que permite a liberação do trabalho de “correção” necessário ao apagamento dos aprendizados “impróprios”.

O exame dos “atentados ao bom gosto” que aqui se empreendeu a partir de um variado conjunto de materiais referentes às regras de *savoir-vivre* na capital paulista permite afirmar a permanência, nos dias que correm, da “ideologia do gosto natural” tal como concebida por Bourdieu em seus estudos sobre as esferas do gosto e, especialmente, em *La Distinction*. Malgrado a existência de numerosos “guias” orientadores do chamado “bem viver”, tais prescrições não fazem apenas “instruir” e abrir caminho aos não-oriundos dos setores cultivados da população brasileira, já que tendem, o mais das vezes, a consagrar os comportamentos e maneiras dos desde sempre educados para se portarem “com classe”.

O fatalismo que se depreende desse espaço de discursos – que não deixa de ser um trabalho de inculcação significativamente institucionalizado – é flagrante e facilmente identificável: o aprendizado tardio ou formal da chamada “elegância” não poderá jamais substituir ou sequer se igualar aos

conhecimentos que foram adquiridos no seio da família, muitas vezes “antes dos três meses de idade”, como enfatizou, aliás, um célebre manual de etiqueta brasileiro aqui discutido.

Pode-se dizer, por fim, que esses padrões de comportamento desigualmente influentes na determinação dos critérios de *savoir-vivre* tidos por legítimos expressam claramente as lutas simbólicas travadas entre grupos envolvidos na representação do mundo social (e, no caso, na imposição de maneiras legítimas do “saber viver”). Partindo do estudo clássico de Durkheim e Mauss, Roger Chartier lembrou que as lutas de classificação são indicadores privilegiados para adentrarmos nas formas pelas quais certos grupos tentam impor a sua concepção de mundo social e os valores que são os seus. O tratamento das práticas e representações em termos de concorrência e competição seria, nessa linha de juízo, uma inegável demonstração de como o estudo dos conflitos de classificação não nos afasta do social, pois, “muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais” (Chartier, 1990, p. 17).

BIBLIOGRAFIA

- BERGAMASCO, Daniel. “Jardim Europa Deveria Ser Demolido e Virar Parque”, in *Folha de S. Paulo*, 8 de julho de 2007, p. C6.
- BOCKEMÜHL, Michael. *Rembrandt: o Mistério da Aparição (1606-1669)*. Paisagem, 2005.
- BOLTANSKI, Luc. “Taxinomies Populaires, Taxinomies Savantes: les Objets de Consommation et leur Classement”, in *Revue Française de Sociologie*, volume 11, número 1, 1970.
- BOTELHO, Isaura & FIORI, Maurício. *O Uso do Tempo Livre e as Práticas Culturais na Região Metropolitana de São Paulo*. Relatório de pesquisa do CEM/Cebrap, 2005.
- BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. *O Amor pela Arte: os Museus de Arte na Europa e Seu Público*. São Paulo, Edusp/Zouk, 2003.
- BOURDIEU, Pierre & SAINT MARTIN, Monique de. “Anatomie de Goût”, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, volume 2, número 5, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *La Distinction: Critique Sociale de Jugement*. Paris, Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc; CHAMBOREDON, Jean-Claude & CASTEL, Robert. *Un Art Moyen: Essai Sur Les Usages Sociaux de la Photographie*. Paris, Minuit, 1965.

- BRISSAC, Chantal. "Doce Balanço: Transforme Algumas Horas à Beira-mar em uma Sessão de Bem-estar", in *Revista da Folha*, 7 de janeiro de 2007, p. 4.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Lisboa/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Difel, 1990.
- D'ALMEIDA, Tarcísio. "Uma Questão de Classe", in *Folha de S. Paulo*, 5 de novembro de 2006, p. 3.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- FRANCASTEL, Pierre. *Études de Sociologie de l'Art*. Paris, Denoël/Gonthier, 1970.
- GÓES, Mara. "Simplesmente uma Mulher", entrevista com Danuza Leão, in *O Liberal*, ano 62, n. 32.163, 28 de janeiro de 2005.
- HORTA, Nina. "O Gosto que se Discute", in *Folha de S. Paulo*, 9 de março de 2006, p. E9.
- KALIL, Gloria. *Alô, Chics!*. São Paulo, Ediouro, 2007.
- LEÃO, Danuza. *Na Sala com Danuza*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- MAYRINK VEIGA, Carmem. "Uma Vida com Tudo Lindo: Lenda Viva da Alta Moda Conta Histórias de Glamour e Elegância", in *Folha de S. Paulo, Revista de Moda*, n. 14, 29 de julho de 2005.
- MEDAGLIA, Júlio. "O que Você Precisa Ouvir", in Jaime Pinsky (org.). *Cultura e Elegância: o que se Deve Fazer e o que É Preciso Conhecer para Ser uma Pessoa Culta e Elegante*. São Paulo, Contexto, 2005.
- MENDES CALDEIRA, Eleonora. "Apresentação", in Jaime Pinsky (org.). *Cultura e Elegância: o que se Deve Fazer e o que É Preciso Conhecer para Ser uma Pessoa Culta e Elegante*. São Paulo, Contexto, 2005.
- NENO, Silvine. "Herança Vintage: Elegantes Desde o Berço, Paulistanas como Vanda Jacintho, 28, Guardam no Closet Peças que Contam Histórias", in *Revista da Folha*, 18 de maio de 2008, pp. 15-21.
- NUNES, Augusto. "Suave É A Vida nos Jardins: no Quadrilátero Dourado da Cidade, Pessoas Ricas, Bonitas e Elegantes Lançam Moda e Fazem do Dia-a-dia uma Grande Festa". Edição comemorativa de 20 anos da *Veja São Paulo* publicada em abril de 2005 e disponibilizada em http://veja-saopaulo.abril.com.br/especiais/20anos_jardins1.shtml.
- PEREIRA, Daniela Scridelli. *Em Busca do Refinamento: um Estudo Antropológico da Prática da Etiqueta*. São Paulo, Annablume, 2006.
- PIEMONTE, Marianne & XAVIER, Karime. "Nem Precisa Beber", in *Revista da Folha*, 22 de abril de 2007, p. 9.
- PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la Bourgeoisie*. Paris, La Découverte, 2000.
- PINSKY, Jaime (org.). *Cultura e Elegância: o que se Deve Fazer e o que É Preciso Conhecer para Ser uma Pessoa Culta e Elegante*. São Paulo, Contexto, 2005.
- QUINTANILHA, Leandro. "Elegância Depende de Cultura", texto da Agência Estado de 27 de outubro de 2006, disponibilizado no site de notícias do Yahoo (seção "Entretenimento").
- SAINT-MARTIN, Monique de. *L'Espace de la Noblesse*. Paris, Éditions Métailié, 1993.
- SAMPAIO, Paulo. "Com Alemães Demais, Brasil Leva Surra na Numerada", in *Folha de S. Paulo*, 28 de junho de 2006, p. D6.
- SCLIAR, Moacyr. "O que Você Precisa Ler", in Jaime Pinsky (org.). *Cultura e Elegância: o que se Deve Fazer e o que É Preciso Conhecer para Ser uma Pessoa Culta e Elegante*. São Paulo, Contexto, 2005.
- SEM AUTOR. *Oásis de Charme e Sofisticação*, informe publicitário do jornal *Folha de S. Paulo*, 20 de dezembro de 2006.
- SILVA, Frederico Barbosa; ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. *O Consumo Cultural das Famílias Brasileiras*. Relatório de pesquisa do Ipea, em parceria com a Unesco e o Minc, 2007.
- SOUZA, Gilda de Mello e. "A Estética Rica e a Estética Pobre dos Professores Franceses", in *Discurso*, n. 9. São Paulo, Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, 1979.
- WAGNER, Anne-Catherine. *Les Classes Sociales dans la Mondialisation*. Paris, La Découverte, 2007.
- WEBER, Max. "A Distribuição do Poder Dentro da Comunidade. Classes, Estamentos e Partidos", in *Economia e Sociedade: Fundamentos de Sociologia Compreensiva*. Brasília, Editora da UNB, 2000.